



Gih Trajano: quem saberia perder

Gih Trajano: quem saberia perder

Gih Trajano: quem saberia perder

Luciana Paiva Coronel* 

“Anote ou grave: o que eu faço não está escrito em lugar nenhum.” Assim costumava apresentar-se a poeta, *slamer* e escritora Gisélia de Sá Trajano, que teve sua formação básica em poesia realizada nos saraus promovidos pelo grupo Poetas do Tietê no estabelecimento prisional em que se encontrava cumprindo pena na virada do século XX. Em espaço de exclusão radical, a autora, nascida em Suzano nos idos de 1977, filha de pais nordestinos migrantes, que pelejaram para criar os seis filhos que vingaram, teve pela primeira vez acesso a produções culturais e fez-se logo poeta. Na sequência, descobriu o *slam* e consagrou-se nesse formato de competição entre *performances* de poesia falada. A marca da oralidade não deixou de comparecer em sua primeira criação literária na modalidade escrita, a pequena narrativa *Quem saberia perder*, na qual se encontra ficcionalizada a experiência de Angélica, mulher negra e trabalhadora cuja vida vira de pernas para o ar quando ela comete um crime e é levada à prisão.

Esta que narra a história é e não é Gih Trajano, conforme ela própria enuncia na apresentação que consta na contracapa da primeira edição da obra: “Essa sou que fala de mim na terceira pessoa. Como se Gih ou Gisélia não fosse eu” (Trajano, 2021, contracapa do livro). Como se a personagem Angélica também o fosse e não o fosse — poderíamos acrescentar, fazendo referência ao universo ficcional aqui em discussão. É fascinante o jogo de identidades espelhadas construído pela agora escritora Gih Trajano por meio da própria semelhança acústica entre os nomes da personagem e da autora da capa, e que complementa o paratexto no qual ela se apresenta ao leitor em perfil manchado pelo estigma do erro, mas igualmente marcado pela busca de um ajuste renovador em termos de conduta: “Das lições de honra que recebeu, foi a única [entre os filhos] que deu errado, mas a que até hoje luta para que tudo fique certo” (Trajano, 2021, contracapa do livro).

É por meio da ordem da escrita que Gih procura corrigir a desordem assumida da própria vida, como costuma ocorrer nos escritos de si em suas variadas hibridações com a ficção. O psicanalista Contardo Calligaris comenta a afirmação de William Zinsser, segundo a qual “O escritor de um *‘memoir’* deve se tornar o *‘editor’* da sua própria vida!” (Zinsser *apud* Calligaris, 1998, p. 51). Afirma ele que “o *‘editor’* não é o editor no sentido português da palavra; tampouco ele escreve; ele é aquele que rearranja ou melhora o que já é um texto” (Calligaris, 1998, p. 51) — o texto de sua existência, poderíamos acrescentar. Ainda que seja um espaço de representação de erros, o espaço de escritura parece, dessa forma, constituir uma autoconstrução renovada.

O percurso enunciativo que constitui *Quem saberia perder* comporta o elemento coletivo como eixo primordial de significação, conforme afirma a própria autora em debate recente acerca de sua estreia na ficção brasileira contemporânea:

A Angélica é um mosaico de muitas mulheres com quem eu convivi dentro do sistema prisional, o crime dela não é parecido com o que eu cometi, as características dela não são as minhas. [...] mas ela tem meu sobrenome de solteira, fiz questão que essa mulher trouxesse muito de mim (I Encontro Gênero e Encarceramento, 2022).

*Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, RS, Brasil. E-mail: lu.paiva.coronel@gmail.com

Compondo a personagem com base em si e outras, Gih tece uma narrativa muito afinada com tendência central da cultura contemporânea, na qual cartografias de trajetória individuais costumam trazer acentos coletivos, segundo entende Leonor Arfuch (2010).

Fazendo suspense acerca do crime da protagonista, apenas revelado nas últimas páginas, a voz que narra acompanha de perto sua trajetória sem jamais encobrir a responsabilidade implicada nos atos que a levaram à carceragem: “Não havia nela inocência” (Trajano, 2021, p. 10). A rotina de seis anos na prisão feminina vai se desdobrando a cada situação que é apresentadas ao leitor sob o foco reduzido da cela. Nesta, Angélica conhece o modo por meio do qual o poder é exercido e o amor vivenciado em uma penitenciária feminina, as rivalidades e as cumplicidades estabelecidas entre as mulheres em situação de prisão. As gírias da cadeia compõem no texto, sendo explicadas ao leitor em notas de rodapé.

O título do livro foi extraído da canção homônima de Sá e Guarabyra, conforme declara a autora nos agradecimentos. Os versos da letra desdobram-se na estrutura interna do romance intitulando a sequência dos capítulos, nos quais, ao modo de um varal, são pendurados em ordem cronológica pequenos trechos da história da protagonista. Partem da conjuntura que antecedia em poucos dias seu casamento, passando por uma decepção crescente com o noivo, até sua chegada abrupta à penitenciária, sem que seja feita qualquer menção ao que ocorrera nas horas anteriores: “Angélica nunca soube dizer ao certo o que aconteceu. Tudo foi muito rápido e quando se deu conta estava sendo fotografada, examinada, olhou para seu pulso, doía muito, se percebeu algemada com um olho roxo e sangue na boca” (Trajano, 2021, p. 10). A intertextualidade mostra-se, dessa forma, recurso essencial na composição do romance, abrindo sentidos por meio do entrelaçamento da história que está sendo contada com o texto poético dos reconhecidos autores da música popular brasileira.

A publicação da editora independente Selin Trovoar vem preencher uma lacuna importante na série literária sobre espaços de encarceramento, inaugurada por Dráuzio Varella com a publicação de *Estação Carandiru* em 1999. A obra do médico narrou a vida no cárcere com base na própria experiência de convívio semanal com os homens em situação de prisão durante a vigência do projeto de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis desenvolvido por mais de dez anos no complexo prisional. *Quem saberia perder*, por sua vez, revela ao público pela via da ficção o encarceramento visto de dentro, na perspectiva de uma pessoa encarcerada, e ainda de uma inusual perspectiva de gênero.

O médico Varella já detivera sua atenção sobre esse universo em *Prisioneiras* (2017), narrativa na qual reconheceu que o presídio feminino é um universo à parte: “preciso esquecer tudo que aprendi nos meus dezessete anos em cadeias masculinas” (Varella, 2017, p. 20). Na conjuntura dessa publicação, uma série de obras abordaria igualmente o espaço prisional feminino de uma perspectiva externa. Trata-se de *Vida e leitura: narrativas na penitenciária feminina*, da pedagoga Ana Arlinda de Oliveira, de 2014; *Cadeia*, da advogada e cineasta Débora Diniz, de 2015; *Presos que menstruam: a vida brutal das mulheres – tratadas como homens – nas prisões brasileiras*, da jornalista Nana Queiroz, de 2015. Relevantes enquanto tema, as mulheres detidas tornaram-se objeto de muitas pesquisas e estudos, mas demoraria ainda para que assumissem uma voz e falassem elas próprias de sua condição no interior do sistema penitenciário.

Por isso a voz autoral de Gih é tão importante e *Quem saberia perder*, uma publicação digna de apreço. Não bastasse oferecer ao público uma enunciação feminina do cárcere, a venda do livro ainda rende fundos para a manutenção do projeto “Improvizada desde que nasci”, por meio do qual a cidadã Gisélia de Sá Trajano auxilia as mulheres egressas da prisão em seu difícil processo de ressocialização. Que se aplauda a iniciativa e se promova a venda da obra. O que o Estado brasileiro não faz, uma mulher, “improvizada desde que nasceu”, acaba por fazer.

REFERÊNCIAS

I ENCONTRO GÊNERO E ENCARCERAMENTO. Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i-Tg0psQ9xo>. Acesso em: 8 maio 2022.

ARFUCH, Leonor (2010). *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ.

CALLIGARIS, Contardo (1998). Verdades de autobiografias e diários íntimos. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 43-58. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2071>. Acesso em: 1º jun. 2022.

DINIZ, Debora (2015). *Cadeia: relatos sobre mulheres*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

OLIVEIRA, Ana Arlinda (2014). *Vida e leitura: narrativas na penitenciária feminina*. Cuiabá: Ed. UFMT.

QUEIROZ, Nana (2015). *Presos que menstruam: a vida brutal das mulheres – tratadas como homens – nas prisões brasileiras*. Rio de Janeiro: Record.

TRAJANO, Gih (2021). *Quem saberia perder*. São Paulo: Selin Trovoar.

VARELLA, Dráuzio (1999). *Estação Carandiru*. São Paulo: Companhia das Letras.

VARELLA, Dráuzio (2017). *Prisioneiras*. São Paulo: Companhia das Letras.